

## Artigo:

### OS RECURSOS DA NATUREZA – I PARTE

#### Produtos Florestais e Aquáticos: A ATIVIDADE ECONÔMICA GERADA PELO SEGMENTO DOS PEIXES ORNAMENTAIS.

*"Na área de produtos florestais e aquáticos, o Amazonas deverá apoiar os produtores que assumam o compromisso de obter o selo verde - ou "certificação socioambiental" - por organismos como o FSC (Forest Stewardship Council, ou Conselho de Manejo Florestal) e por outros programas de certificação que tenham credibilidade internacional".*

*Denis Minev – Secretário de Estado da SEPLAN/AM*

A atividade econômica gerada pelo segmento dos Peixes Ornamentais, no Brasil e particularmente no Amazonas, é um produto do extrativismo. O processo do extrativismo dos recursos florestais recua historicamente ao início da colonização portuguesa para manter a posse de um discricionário território previsto no Tratado de Tordesilhas. E confirma-se efetivamente em 1755, quando o Marquês de Pombal funda a Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e do Maranhão, para reforçar um processo agroexportador, que estava prosperando nessa base geográfica. Coincidentemente, o município de Barcelos foi fundado exatamente nesse mesmo ano como sede da Capitania de São José do Rio Negro.

Figura 1 – Os recursos da natureza na Estratégia Econômica do Amazonas



Extraído de: Minev, D.. Estratégia Econômica do Amazonas. Manaus, AM. 2007.

Segundo um Parecer Técnico da SEPROR, datado de 15 de fevereiro de 2006, a exploração de peixes ornamentais teve início na década de trinta, no município de Benjamin Constant, em uma localidade fronteiriça com o Peru e a Colômbia, e daí, posteriormente, ampliada para todo o Estado do Amazonas (Leite & Zuanon, 1991). Essa captura de peixes ornamentais vem mostrando-se como uma das poucas atividades geradoras de recursos provenientes do extrativismo, que se efetiva com certa regularidade e constância na hinterlândia amazonense, mormente na região do rio Negro, desde a década de cinquenta. Na atualidade, cerca de oitenta por cento se realiza no baixo e médio rio Negro, concentrando-se no município de Barcelos. Ainda segundo o Parecer Técnico

acima aludido, cerca de 1.200 espécies têm potencial para serem comercializadas. O IBAMA permite a exploração de 295 espécies no Amazonas, todavia vêm sendo pescadas cerca de 100, que conforme o Projeto Piaba, em média anual, aproximadamente cinquenta milhões de peixes apenas no município de Barcelos. Ante o volume de peixes capturados, necessário se faz apreciar que valor representa na exportação, e o custobenefício como resultado do desenvolvimento dessa atividade. Vejamos os valores:

#### VALORES DE EXPORTAÇÃO, IMPORTAÇÃO e SALDO DA BALANÇA COMERCIAL

BRASIL - Em U\$S

Peixes Ornamentais

EXERCÍCIO	EXPORTAÇÃO	Δ% Ano Anterior	IMPORTAÇÃO	Δ% Ano Anterior	SUPERÁVITE	Δ% em relação a 1996
1996	4.249.363,00	-	225.078,00	-	4.024.285,00	0,00
1997	3.921.290,00	-7,72	237.358,00	5,46	3.683.932,00	-8,46
1998	3.345.343,00	-14,69	198.988,00	-16,17	3.146.355,00	-21,82
1999	3.372.128,00	0,80	133.359,00	-32,98	3.238.769,00	-19,52
2000	3.235.095,00	-4,06	121.416,00	-8,96	3.113.679,00	-22,63
2001	3.225.619,00	-0,29	110.167,00	-9,26	3.115.452,00	-22,58
2002	3.249.996,00	0,76	53.496,00	-51,44	3.196.500,00	-20,57
2003	2.378.564,00	-26,81	55.805,00	4,32	2.322.759,00	-42,28
2004	2.664.493,00	12,02	86.017,00	54,14	2.578.476,00	-35,93
2005	4.350.025,00	63,26	82.637,00	-3,93	4.267.388,00	6,04
2006	4.136.239,00	-4,91	85.255,00	3,17	4.050.984,00	0,66
2007	5.051.895,00	22,14	94.623,00	10,99	4.957.272,00	23,18
2008	5.628.941,00	11,42	156.547,00	65,44	5.472.394,00	35,98

FONTE: SECEX

Considerando que cerca de noventa por cento dos valores plotados nessa exportação provêm da indústria extrativa, aparentemente pode-se considerar a captura de piabas com perspectiva de formadora de renda e uma alternativa de sustentação econômica para os povos que vivem da produção natural da floresta. Entretanto, ao longo de mais de cinquenta anos decorridos, essa atividade não modificou em absolutamente nada as condições de sobrevivência daqueles que se dedicam ao trabalho de captura de piabas. Ainda bem que os habitantes do interior dessa região não estão dedicados somente a esse afazer. Convivem conjuntamente pescadores, caçadores, madeireiros, piaçabeiros e sorveiros, para venderem seus produtos a intermediários, que dominam o transporte da zona de produção aos mercados de consumo ou portos de exportação. Esses próprios piabeiros podem, a cada momento, desempenhar quaisquer dessas tradicionais ocupações. Na realidade, pouca diferença se faz quando se avaliam os seus rendimentos. Todos vivem próximo à miséria e indistintamente como semiescravos. Não muito longe do que já viveram os produtores de juta, particularmente o piabeiro, por necessidade de sobrevivência no ofício, torna-se "pé inchado", com todas as consequências sociais e de saúde a que a condicionante o leva. Assim também como o garimpeiro, são predadores inconscientes que provocam o empobrecimento do local, que momentaneamente exploram e fazem do local onde atuam a realidade do conceito de "terra arrasada", porque pescam, caçam, matam e salgam não somente para garantir o próprio sustento na sua época de

fabricao, mas para formar um adicional de recurso, além daquilo que lhes é possível conseguir no seu esforço principal. Seu penoso trabalho não lhe viabiliza acumulação registrável alguma. Se considerarmos o passivo socioambiental que acarreta, seja em requerimentos de assistência pública que demandam, seja na contabilidade da degradação ao ecossistema que provocam, posto que a pesca leva impacto à população de peixes e às espécies existentes e pode inclusive ocasionar aniquilamento. Dificilmente essa atividade teria justificativa para uma sociedade cidadã. É muito evidente que esse setor precisa sofrer alterações, posto que ninguém deseja a perpetuação da miséria, que diante do quadro atual se tem formatado. Considere-se que, mesmo desconhecendo a realidade de sua ocupação econômica e até mesmo de sua própria existência, ainda assim, esses oficiosos lutadores acabarão descobrindo o inexequível de seu modo de vida e, despertos ou literalmente expulsos, eles e/ou seus filhos irão certamente compor a fila da multidão dos deslocados, refugiando-se em nova invasão na periferia suburbana que os atrativos da grande capital configuram. Em contrapartida, a Malásia, em menos de vinte anos nesse setor, é responsável por 65% da exportação mundial, operando com peixes originários da Amazônia. Com cinquenta anos de experiência, respondemos apenas por cerca de 17% ! E porque não podemos reproduzir o que se faz na Malásia, perguntamos a um especialista. Eis a resposta: "Ainda não possuímos o domínio dessa tecnologia. E também não dispomos de recursos disponibilizados a formar tal processo. E mais, não contamos suficientemente com gestores, nem em alto nível, nem no nível intermediário. E completa: o interiorano não é empresário produtor. É, por tradição, um extrativista". O quadro em lide leva-nos a sopesar a preocupante questão, visto que não é desejável a perenidade de deplorável desventura, ainda a ser agravada pelo crescimento vegetativo da população. Mesmo não sendo da corrente malthusiana, temos obrigação de reconhecer o estrago que a concentração e a superpopulação urbana e rural e seus contínuos crescimentos, provocam junto ao meioambiente. Torna-se, conseqüentemente, forçoso confiar na ciência e no progresso, via conquista de novas funções de produção, que resultem em maior eficiência e produtividade, com aumento das disponibilidades, a atenuar o efeito da expansão populacional. Por isso, é de se acreditar nos resultados do projeto Piaba, no Programa de Aumento de Competitividade e Sustentabilidade da Cadeia Produtiva de Peixes Ornamentais, recentemente criado no âmbito da SEPA/SEPROR, bem como na inteligência do projeto "Base de Indicação Geográfica para Peixes Ornamentais do Rio Negro-AM, capacitação e gestão participativa nas comunidades ribeirinhas, a desenvolver técnicas novas de manejar a sanidade dos peixes vivos", de responsabilidade da Universidade do Amazonas - UFAM, contando com diversas instituições envolvidas.

Elaboração e Participação: DDR - Antônio Iran Gadelha, Rita Lima e Denise B. Lima

Referências:

Minev, D. *Plano Estratégia Econômica do Amazonas*. SEPLAN. Manaus-AM. 2007.

Pesquisa, via internet, SECEX

Parecer Técnico de 15 de fevereiro de 2006 da SEPROR

Projeto: Monitoramento da Cadeia Produtiva de Peixes Ornamentais do Rio Negro - SEPROR

Projeto Base de Indicação Geográfica para Peixes Ornamentais do Rio Negro-AM (UFAM)

Barcelos, Porto do Extrativismo - Texto de *Liana John*, jornalista da Agência Estado, AE